

Destino das escolas técnicas

GABRIEL DOS ANJOS DE JESUS

A partir de um levantamento histórico do ensino profissional, realizado com o intuito de aprofundar a discussão sobre o ensino técnico no Brasil, confirmamos a desfaçatez com que as elites nacionais e internacionais tratam a educação nos países subdesenvolvidos. A forma como procuram envolver aqueles que estão propensos a aceitar o “canto da seireia” das facilidades econômicas – contrárias, no entanto, aos interesses nacionais – não é novidade nas relações entre colonizadores e colonizados. Também não é nova a necessidade de reação dos setores mais conscientes nos vários momentos da história da humanidade.

As próprias relações de trabalho que os chamados neoliberais apresentam, nada mais são do que a volta a um sistema de produção pré-Revolução Industrial e que, devido a uma série de fatores externos, tornam-se mais brutais que seus antepassados feudais e os imediatamente pós-feudais. A tríade educação-trabalho-emprego é um conjunto indivisível nas relações sociais de qualquer tempo, principalmente nos atuais tempos de neoliberalismo.

O desenvolvimento tecnológico de um país está intimamente ligado à educação. Para entregar a educação do país – fazendo com que as escolas se adaptem aos pré-requisitos exigidos pelo capital internacional – o BID está injetando US\$ 250 milhões no setor, enquanto o MEC entra com a mesma soma. Apesar disso, não há perspectivas de melhoria do processo educacional do Brasil. Isso porque a idéia é investir no aparelhamento das escolas com a aquisição de tevês, vídeos, antenas parabólicas, computadores,

entre outros equipamentos, como se isso, por si só, bastasse para suprir as carências técnico-científicas nas quais o país está submerso. Não há a preocupação de elaborar uma política educacional que inclua a reciclagem dos profissionais de educação, além de uma política de salários compatíveis com as funções a serem exercidas, entre outros investimentos, em pessoal. Equipar não quer dizer instrumentar e, portanto, nada disso adianta!

Para desenvolver tecnologicamente o país, é preciso desenvolver um ensino médio público de qualidade. Assim teremos um maior contingente de pessoas bem-formadas – e informadas – e

bons profissionais. Isso serve para as escolas técnicas e para as universidades. E é preciso frisar que este ensino tem que ser público e gratuito, senão teremos um ensino mercantilizado, altamente excludente, o que certamente impedirá que a grande maioria da população consiga atingir uma boa formação.

Mas não podemos discutir o 2º e 3º graus sem alertar para o fato da necessidade urgente e imprescindível de se cuidar do 1º grau. A raiz dos males da nossa educação está no pouco caso que se faz da educação do 1º grau. A proposta neoliberal de hoje retorna ao início do século XX – por volta dos anos 20/30 – até os anos 70/80, quando o ensino no Brasil também era altamente excludente. Ou seja, o neoliberalismo aposta em uma regressão no desenvolvimento do país no que diz respeito ao acesso ao conhecimento.

E essa proposta não está desagregada. Faz parte da política internacional de domínio dos países ricos, iniciada na época do acordo MEC-Usaid. Embora esse acordo atingisse, no visível, o 2º e o 3º graus, a influência se faz sentir, no fim do ciclo, no 1º grau mediocremente preparado, gerando massa crítica para um 2º grau também medíocre e, conseqüentemente, para um 3º grau de péssima qualidade.

Aliado a isso, com a desigualdade social causada pela política de arrocho salarial a que estamos submetidos desde 1964, vemos os ensinos médio e tecnológico, a cada ano, se desintegrarem, tornando-se caóticos e obsoletos, na maioria dos casos.

Atualmente, numa escola técnica, um aluno custa ao Governo cerca de US\$ 1.800 por ano. Fugindo à realidade e sem qualquer dado concreto, o Governo “aumentou” este custo para US\$ 5 mil/ano por aluno na propaganda oficial. O objetivo é dizer que o ensino técnico custa caro e que, por isso, deve ser privatizado. Outro argumento do Governo é que 50% dos alunos das escolas técnicas vão para o mercado de trabalho e que os outros 50% vão para as universidades. Para o Governo, isso significa que o ensino técnico não está cumprindo a sua função de formação profissional e é elitizado.

Então vamos analisar bem este fato: se metade dos alunos vai para as universidades é porque as escolas técnicas estão conseguindo dar uma boa formação. Além disso, estudam nestas instituições muitos filhos de operários, que conseguem

ter acesso à universidade graças à oportunidade de estarem cursando uma escola técnica ou agrotécnica. Não podemos avaliar o ensino como avaliamos uma linha de produção. Os custos do ensino são sociais e não econômicos. O Governo tem a obrigação de gastar o que for necessário nos setores fundamentais e essenciais na estrutura do Estado – como a educação e a saúde.

Outro meio de conduzir à privatização a longo prazo é a transformação do ensino técnico regular em ensino por módulos. Dessa forma, a escola técnica deverá se transformar em 50% propedêutica (ensino regular), paga, e em 50% modular. Só o ensino modular já financiaria a escola, tornando o setor de educação um setor altamente rentável, pois será também um ensino pago a médio prazo dentro da proposta do Governo. Seria a destruição total do modelo de ensino técnico que temos hoje no país. E como deixar que seja destruído algo que serve de referência para outros países?

O Governo está sendo, mais uma vez, pernicioso com o futuro social do país. Até mesmo em termos definitivos porque, quando se mexe no ensino, o resultado aparece a médio prazo – em torno de dez anos. O que falta, na verdade, para colocar o Brasil nos trilhos – além dos administradores assumirem, de fato, a defesa dos patrimônios cultural e ecológico, dos inerentes às reservas minerais e energéticas – a sensibilidade de investirem com seriedade na área educacional, construindo nosso patrimônio técnico-científico nos alicerces de um ensino qualificado público, extensivo às grandes massas da população e, portanto, não elitista e não excludente!

GABRIEL DOS ANJOS DE JESUS é professor da ETFES e presidente do Sinasefe

SÓ O ENSINO
MODULAR JÁ
FINANCIARIA A
ESCOLA TÉCNICA

US, Gabriel dos Anjos de. Destino
as escolas técnicas. A Gazete,
Itoró, 2 de abril de 1997. p. 5.